

**Apresentação**

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Matheus Cervo

vol. 05 num. 09**COTIDIANO
E PAISAGENS URBANAS**

É com prazer que lançamos a segunda edição de resgate das produções fotográficas realizadas no Biev — Banco de Imagens e Efeitos Visuais do Laboratório de Antropologia Social/PPGAS/UFRGS, trazendo ensaios realizados no final dos anos 1990 e na primeira década dos anos 2000. Trazemos, nesse compilado em torno das paisagens cidadinas das ambiências urbanas de Porto Alegre, parceiros de pesquisa que contribuíram ao crescimento da nossa produção intelectual sobre a memória coletiva e o patrimônio etnológico do e no mundo contemporâneo vivenciado nas cidades dos trópicos brasileiros.

Eu — Matheus Cervo — fui instigado a me deslocar enquanto sujeito durante estes últimos anos de participação na Iniciação Científica e Tecnológica (CNPq e Fapergs) com a produção etnográfica unida ao trabalho com a matéria do tempo nos acervos do Biev. Trago, nesta edição criada junto com a professora Ana Luiza Carvalho da Rocha, um olhar enquanto aprendiz dentro desse núcleo de pesquisa ao apreender, ainda que fugazmente, as desconstruções intelectivas que foram necessárias para meu crescimento enquanto pesquisador e minhas percepções sobre nossos desafios coletivos.

O tempo acumulado nos acervos do Biev dissolveu em mim muitas das minhas concepções sobre o que é o trabalho de campo aliado à produção imagética. Em várias de nossas oficinas semanais coordenadas com diferentes finalidades, acessamos o acúmulo do tempo em formato multimídia para compreender como acervar esse material a partir das nossas reflexões teóricas e metodológicas estudadas coletivamente [1]. Não se trata de uma discussão fácil, já que um dos nossos desafios diários se revela a partir da classificação dos materiais acervados em um “projeto matriz” que compõe a estrutura do nosso banco de conhecimento.

Sempre nos debatemos, enquanto estudantes, acerca das formas de classificação dentro da matriz do nosso banco e somos instigados a superar nossos obstáculos epistemológicos (Bachelard, 1996) e nossos conflitos cognitivos a fim de perceber qual a nossa relação intersubjetiva no diálogo com as imagens. Assim sendo, não se trata do acesso direto e objetivo sobre o patrimônio etnológico das nossas cidades, mas, como diria Paul Ricoeur (2006, p. 164), do trabalho da nossa memória meditante na interpretação no presente sob as imagens produzidas no passado a partir do acúmulo de imagens da nossa própria memória. Realizamos, mesmo que muitas vezes intuitivamente enquanto aprendizes, uma ritmanálise (Bachelard, 1988) tanto da memória coletiva bieviana quanto de nossa própria memória operando no tempo a partir da modificação dos nossos referenciais interpretativos pela afetação ao olhar e classificar as imagens do acervo.

Revisitar significa, cada vez mais, aprender em um processo complexo de duração. Não é trivial salientar que há, sim, uma dialética do inútil (Bachelard, 1988, p. 41) em nossos processos onde ritmos de ação são necessariamente prosseguidos por ritmos de inação para fecundidade da duração e produção do nosso conhecimento no tempo. Trata-se dessa agitação temporal que sofremos nesse processo de mudança epistemológica e percepção da nossa própria memória egológica (Halbwachs, 2006) como influenciadora na percepção das produções realizadas. Todas esses questionamentos se situam em uma razão sensível onde tentamos intuir, para além dos fragmentos em crônicas que ouvimos de nossas orientadoras, quem foram essas pessoas com trajetos acadêmicos tão específicos que foram cristalizados na produção fotográfica.

Convidamos a todos(as), então, a participar um pouco dessa experiência a partir de certa estética da desordem (Maffesoli, 1995) onde o eu coloca-se frente ao diverso. Proporcionamos o acesso à diversidade de imagens patrimoniais sobre a consolidação temporal heterogênea das nossas cidades democráticas, mas, contudo, convidamos o(a) leitor(a) a se colocar nessa polissemia de imagens e se perceber nos movimentos involuntários de pertença, repulsa ou indiferença.

1 Referimo-nos, aqui, a recriação do método de convergência e do estruturalismo figurativo durandiano na etnografia da duração (Eckert; Rocha, 2013b) a partir da operação com o projeto matriz no Banco de Imagens e Efeitos Visuais. Acesso o livro “Etnografia da Duração” para mais detalhes.